UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTIFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:
https://www.ihu.unisinos.br/publicacoes/mais-publicacoes

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:
©2023 by Universidade do Vale do Rio dos Sinos. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo
CEP 13083-970 – Campinas SP
Fone: (19) 3521-6493
http://www.repositorio.unicamp.br

JESUÍTAS BRASIL

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)
Ano 21 | nº 350 | vol. 21 | 2023

Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado

Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani

Cadernos
IHU ideias
ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)
Ano 21 | nº 350 | vol. 21 | 2023

Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado

Iael de Souza

Doutora em Educação pela UNICAMP e professora da Universidade Federal do Ceará - UFC, Faculdade de Educação – FACED

Evaldo Piolli

Doutor e mestre em Educação pela UNICAMP e professor do Programa de Pós-graduação em Educação da UNICAMP

José Roberto Montes Heloani

Pós-doutorado em Comunicação pela USP e livre-docente em Teoria das Organizações pela UNICAMP

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação periódica e digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU
Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias
Ano XXI – Nº 350 – V. 21 – 2023
ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos
Conselho editorial: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.
Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).
Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado
Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues
Imagem da capa: Fragmento da obra La Douleur (1868 – 1869) de Paul Cézanne | Wikimedia Commons
Revisão: Isaque Gomes Correa
Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.
Publicado também on-line: <http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado

Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani

RESUMO: A saúde mental é um processo biopsicossocial e tem como condicionante as causas sociais (políticas, econômicas, culturais). A sociabilidade capitalista e o estágio neoliberal do sistema capital tendem a intensificar a ansiedade, as incertezas, as inseguranças, as angústias, fomentando uma epidemia de depressão coletiva. Os variados distúrbios e transtornos psíquicos são a manifestação da *cultura neoliberal* e da *paideia empresarial* que a sustenta. Os males sintomáticos que afetam a saúde mental precisam ser combatidos e enfrentados em sua raiz. Para isso, essa questão e seus problemas necessitam, urgentemente, ser politizados. É o que o presente caderno procura realizar: a politização da saúde mental, desmontando a privatização do sofrimento psíquico através do filme *Coringa*, fazendo o chamamento para a mobilização/organização política do social.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde mental. Sociabilidade capitalista. Ansiedade. Depressão coletiva. Sofrimento privatizado.

Capitalism and mental health: social cause and privatized suffering

Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani

ABSTRACT: Mental health is a bio-psycho-social process and its condition is social causes (political, economic, cultural). Capitalist sociability and the neoliberal stage of the capital system tend to intensify anxiety, uncertainties, insecurities, anxieties, fomenting an epidemic of collective depression. The various psychic disturbances and disorders are the manifestation of the neoliberal culture and the entrepreneurial paideia that sustains it. The symptomatic illnesses that affect mental health need to be tackled and tackled at their root. For this, this issue and its problems urgently need to be politicized. That is what this article seeks to accomplish: the politicization of mental health, dismantling the privatization of psychic suffering through the movie Joker, calling for the mobilization/political organization of the social.

KEYWORDS: Mental health. Capitalist sociability. Anxiety. Collective depression. Privatized suffering.

Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado

Iael de Souza

Doutora em Educação pela UNICAMP e professora da Universidade Federal do Ceará - UFC, Faculdade de Educação – FACED

Evaldo Piolli

Doutor e mestre em Educação pela UNICAMP e professor do Programa de Pós-graduação em Educação da UNICAMP

José Roberto Montes Heloani

Pós-doutorado em Comunicação pela USP e livre-docente em Teoria das Organizações pela UNICAMP

Introdução

A política econômica neoliberal responde ao estágio de acumulação e reprodução do capital, cuja maturidade é alcançada na década de 1970. De lá para cá, o sistema sociometabólico do capital vem aprimorando e atualizando, em escala mundial, seus ajustes e reformulações conforme às exigências postas pelo seu objetivo primeiro e último: a reprodução ampliada do mais valor.

Nesses quarenta anos de reinado do capital e de sua correspondente política econômica neoliberal, que também produziu uma *cultura neoliberal* (novos valores, atitudes, condutas, comportamentos, forma

de pensar, de sentir e de estar sendo), as condições de vida e trabalhado da classe trabalhadora, das camadas populares e dos subalternos vêm se tornando cada vez mais precárias e precarizadas[1], beirando à barbárie social, produzindo distopias.

A deterioração das condições de vida e trabalho engendram uma série de problemas sociais, atingindo diferentes dimensões da vida social e das relações humanas. Nesta reflexão, queremos pontuar uma delas: a da saúde mental, relacionando-a ao modo de vida da sociabilidade capitalista, demonstrando, afinal, que existe uma causa social (política-econômica-cultural) que vem aumentando os casos de transtornos psíquicos, de depressão, de angústia, de sofrimento, de ansiedade, como também de medo, insegurança, desamparo, incertezas, temor e pânico, originando sentimentos os mais diversos em diferentes camadas da classe trabalhadora (embora parte não se enxergue como pertencente a ela), como: ressentimento, ódio, intensificando as atitudes racistas, xenofóbicas, homofóbicas e demais formas de agressão ao outro.

Concordamos com Fisher (2020), segundo o qual todas as questões que envolvem a discussão sobre saúde mental precisam ser politizadas, pois não dizem respeito apenas à esfera privada. Na verdade, outras dimensões da vida social necessitam urgentemente serem (re)politizadas através de uma análise crítica, histórica e científica do real para que possamos identificar a raiz de todos os males sociais que afligem os seres humanos no mundo hodierno e, assim, construamos e apresentemos uma proposição alternativa e supe-

1 Ver: SOUZA, Iael. Precariedade, precarização e precariado no sistema capital do século XXI – "Você não estava aqui". *Ideias*, Campinas/SP, v. 12, p. 1-25, 2021.

radora (suprassunção) do modo de vida e produção existente, da sociabilidade capitalista, porque só deste modo poderemos restabelecer a saúde da vida societal em todos os seus âmbitos: político, econômico, social, cultural, ecológico, físico, biológico, psíquico, afetivo, emocional.

Para elucidar as análises e reflexões tecidas e traçar um paralelo com nossa atual situação de não vida, utilizaremos o filme *Coringa*. Com isso, esperamos tornar mais didática as relações entre capitalismo e saúde mental e o escamoteamento de sua causa social através da privatização do sofrimento e suas consequências funestas ao indivíduo e à vida social. Essa compreensão precisa chegar até a classe trabalhadora, às camadas populares e subalternas, não pode ficar restrita aos profissionais da área, aos acadêmicos, intelectuais, estudiosos e ativistas/militantes.

É urgente e preciso politizar a questão da saúde mental junto àqueles que são os que mais sofrem com os distúrbios, doenças e transtornos causados pela sociabilidade capitalista, por sua condução hegemônica neoliberal de quatro décadas, determinando as práticas, os valores, as normas de conduta, enfim, as relações sociais e de produção entre os seres humanos, demonstrando que se trata de sintomas e afetações causadas por esse modo de vida que se vive e que a única maneira de atacar a raiz do problema é superando (suprassumindo) esse mesmo modo de vida, causador de cada vez mais terríveis e sofríveis distúrbios, transtornos e males sociais.

A saída não está em um líder iluminado, um salvador, um messias antissistema – que, na verdade, através de tal discurso, encobre suas pretensões auto-

ritárias –, embora grande parte dos indivíduos, mais e mais frustrados, decepcionados, ressentidos, desamparados, desesperados, desacreditados da política, dos políticos e da democracia burguesa (instituições representativas, poderes constitucionais e seus ocupantes), acabem legitimando e consentindo com as distopias vividas em vários países do globo, como é o caso, inclusive, do Brasil com o governo de Jair Messias (tragédia irônica! Ou farsa?) Bolsonaro.

Daí a relevância dessa discussão e sua disseminação entre as massas, porque apenas elas podem pressionar e agir, de maneira consciente, consequente e organizada, para ir além da democracia burguesa, para além dessa forma de vida, construindo colaborativa e coletivamente outro modo de relação e produção que priorize os interesses e necessidades dos seres humanos, e não de valorização do valor em detrimento da vida.

Capitalismo e saúde mental

A sociabilidade capitalista, ao longo da sua existência e forma de organização produtiva-social, passou por diversas mudanças. Ainda passa e passará muitas outras como forma de garantir a reprodução do capital e seu sociometabolismo. Nesse processo, necessitou forjar justificativas para significar, dando sentido, o modo de vida, produzindo valores (ético-morais, como comprova Max Weber em *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*), normas de conduta, ideias, servindo de referencial aos indivíduos em suas relações sociais e de produção.

Atendendo às renovadas necessidades e às rees-

truturações do sistema capital ao longo dos séculos, a "ética do capitalismo" foi substituída pela "felicidade através do consumo"[2] e com ela algumas seguranças e certezas que respaldavam e amparavam os indivíduos em suas relações foram para o espaço, deixando em seu lugar a insegurança e as incertezas (desamparo, aumentando a ansiedade e angústia, e com elas os casos de depressão). Pois nos últimos quarenta anos, devido à *cultura neoliberal*[3] e a *paideia empresarial*,[4] o sucesso ou fracasso dos indivíduos passa a ser algo de sua inteira e exclusiva responsabilidade[5] ("responsabilização", eliminando todas as mediações que perfazem a estrutura social), e a liberdade individual passa a ser o valor supremo cultuado, defendido e disseminado.

No estágio atual do sociometabolismo do capital, a sociabilidade capitalista eleva e intensifica o processo de individuação (isolamento que aumenta o sofrimento psíquico), fragmentação e perda de conexão afetiva entre os indivíduos, abrindo possibilidade para que distopias, antes apenas imaginadas como ficção, tor-

2 Ver: *A história das coisas*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7qFiGMSnNjw.

3 O neoliberalismo "*produz* certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades. Em outras palavras, com o neoliberalismo o que está em jogo é nada mais nada menos que a *forma de nossa existência*, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos" (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 16).

4 Ver: SOUZA, Iael; PIOLLI, Evaldo. Pedagogia da gestão gerencialista do capital – a "paideia" empresarial no final do século XX e sua hegemonia ideocultural no século XXI. *Cadernos Cajuína*, v. 5, n. 3, setembro, 2020.

5 "Cada membro individual da classe subordinada é encorajado a sentir que sua pobreza, falta de oportunidades, ou desemprego é culpa sua e somente sua. Os indivíduos culparão a si mesmos antes de culparem as estruturas sociais […] a crença de que está dentro do poder de cada indivíduo se tornar o que quer que seja – é a ideologia dominante e a religião não oficial da sociedade capitalista contemporânea, empurrada goela abaixo tanto pelos 'experts' da TV e gurus dos negócios quanto pelos políticos. O voluntarismo mágico é ao mesmo tempo um efeito e uma causa do nível historicamente baixo da consciência de classe" (FISHER, 2020, p. 140).

nem-se realidade, produzindo pesadelos existenciais que ameaçam as condições de vida e trabalho da imensa maioria dos trabalhadores(as), precarizando suas condições materiais e espirituais de existência, como evidenciam os (des)governos de Jair Messias Bolsonaro, no Brasil, Donald Trump, nos Estados Unidos, e Viktor Orbán, na Hungria, entre outros.

A pandemia de covid-19 fez com que a população mundial experimentasse o isolamento vivido cotidianamente pelos indivíduos que residem em favelas (hoje denominadas de "comunidades") e nas periferias em todo o mundo. É um isolamento que significa abandono, invisibilidade, não assistência, desamparo, negligência. Foi o que aconteceu com os idosos no começo da pandemia. Como atesta Menezes (*Brasil 247*, 2020):

> O coronavírus evidenciou nossa "velhofobia", como definiu com perfeição a antropóloga e escritora Mirian Goldenberg, da UFRJ, em entrevista à BBC Brasil. "Estamos assistindo horrorizados a discursos sórdidos, recheados de estigmas, preconceitos e violência contra os mais velhos. Esse tipo de discurso já existia antes da pandemia: os velhos são considerados inúteis, desnecessários e invisíveis. Mas agora está mais evidente. Políticos, empresários e até o presidente da República já vieram a público dar declarações 'velhofóbicas'".

Essa ideia de que a sociedade é a soma de indivíduos e que só existem indivíduos e nada mais, não existindo, por fim, nem sociedade nem classes, é o cúmulo da individuação (e do individualismo) exacerbada pela *liberdade individual neoliberal* e pela *paideia empresarial*. Cada vez mais, as pessoas passam a ser e agir como uma mônada, advindo daí o discurso de que são

vivendo a barbárie social do capital na forma dos pesadelos distópicos derivados dos governos de direita e extrema-direita. Acentuam-se, assim, todas as mazelas e problemas sociais (fome, desemprego, moradia, custo de vida, cortes públicos e privatizações, etc.). É a era do desmoronamento, do definhamento, da depressão coletiva (FISHER, 2020). É assim que Dean (2021) define os "sobreviventes" e os "sistemas":

> Há autocultivo, autogestão, autodependência e autoabsorção individualizados e, ao mesmo tempo, processos, circuitos e sistemas impessoais de determinação. Temos indivíduos responsáveis, indivíduos que são responsabilizados, tratados como *loci* de escolhas e decisões autônomas, e temos indivíduos que deparam com situações determinantes e que se encontram absolutamente fora de seu controle. […] Os (sobreviventes) lutam para sobreviver em condições avessas à vida, em vez de agarrar e transformar tais condições. Os (sistemas são) "hiperobjetos" que nos determinam, objetos muitas vezes estéticos ou de uma estética futura ("hiperstição")[6], coisas para visualizar, diagramar, prever e talvez até lamentar, mas não sobre as quais possamos exercer algum efeito ("impotência reflexiva")[7]. Os sobreviventes experimentam sua vulnerabilidade. Alguns passam inclusive a valorizá-la e a nutri-la, a derivar seu senso de

6 Marx Fisher e seus amigos da Unidade de Pesquisa da Cultura Cibernética (CCRU) desenvolvem o conceito de "hiperstição" como expressão da virtualidade do real, tendências que estão presentes na realidade, mas ainda não foram atualizadas, realizadas concretamente. Uma "tecnologia experimental de profecias autorrealizáveis" (FISHER, 2020, p. 170). Trata-se da "*passagem* da ficção para a realidade, que pode ser compreendida como um processo de apoderamento da realidade pela ficção" (FISHER, 2020, p. 171-172), ou então como "devir real da ficção (teoria-ficção)" (FISHER, 2020, p. 170).

7 Não condiz com o cinismo, nem com a apatia, mas sim com uma sensação/sentimento paralisante, dado que os indivíduos "sabem que as coisas vão mal, mas mais do que isso, 'sabem' que não podem fazer nada a respeito" (FISHER, 2020, p. 43). É como se se rendessem e resignassem à força imperiosa de um destino traçado.

> eu da capacidade de sobreviver contra todas as condições adversas. […] Muitos (fazem) questão de enfatizar sua autossuficiência. E o (fazem), em parte, porque sua experiência (diz) que outras pessoas provavelmente continuariam a deixá-los na mão ou traí-los. Para sobreviver, só podiam contar consigo mesmos. […] Para elas, a luta para sobreviver é uma característica-chave de uma identidade imaginada como dignificada e heroica porque precisa produzir a si mesma, por conta própria. Os registros que temos dos sistemas são tipicamente desprovidos de sobreviventes. […] Quando as pessoas aparecem, elas são o problema, um excesso planetário a ser contido, uma espécie destrutiva fora de controle, o defeito da vida[8]. A oposição entre sobreviventes e sistemas nos proporciona uma esquerda desprovida de política. […] No lugar da luta política dos proletarizados, temos a afirmação fragmentadora da particularidade, da sobrevivência única, e uma obsessão com a impossibilidade esmagadora e inevitável da sobrevivência (DEAN, 2021, p. 34-36).

Há uma perda da dimensão do futuro. O presente parece ser a única dimensão da realidade. O passado é selecionado e partes dele, proposital e ideologicamente, são esquecidas[9]. Os laços afetivos entre os indivíduos são cortados, ninguém tem tempo para ninguém, muito menos para si mesmo. Cada um por si. Homem

8 Cabe, aqui, a fala do agente Smith, no filme Matrix (o primeiro da trilogia), para Morpheus quando compara os seres humanos a um vírus, incontrolável, irrefreável, destruindo tudo o que contamina. Na verdade, o problema não é o ser humano, mas o modo de vida criado por ele, beneficiando uma minoria em detrimento da maioria, mas cuja maioria acredita natural e insuperável e, assim, o internaliza e reproduz.

9 "A memória das relações sociais é uma construção continuamente elaborada a fim de distinguir e vincular o passado em relação ao presente e ao futuro. […] É o processo no qual algumas recordações são valorizadas, enquanto outras são descartadas ou alocadas em setores periféricos. O que se desvaloriza na elaboração presente da memória é o que será esquecido" (TELES, 2015, p. 37; 41).

lobo do próprio homem. Medo, terror, insegurança, desconfiança, ansiedade, angústia, descrença, ressentimentos, ódio, raiva, frustrações pessoais proliferam. A sensação é a de esgotamento, um "lento cancelamento do futuro", no dizer de Bifo Berardi. A vida humana – e todas as demais formas de vida – não desaparece de forma repentina, numa hecatombe ou catástrofe apocalíptica, simplesmente desaparece, se desfaz, desmorona gradualmente, num arrasto moroso. Definha e morre, de fato.

O sistema capital e sua vigente cultura neoliberal, administrada hegemonicamente pela paideia empresarial, aprofunda sistematicamente as patologias, os distúrbios, os transtornos psíquicos que dizem respeito à saúde mental que, ademais, atingem estatística pavorosa com o agravamento implicado pela crise sanitária da Sars-COV-2. A *Revista Lancet*, numa revisão de estudos publicada em 2020, comprovou o aumento da irritabilidade, as mudanças de humor e insônia perante a pandemia.

> Estamos desanimados (acontece com 73% das pessoas, segundo um dos estudos) e irritadiços (57%). A quarentena provoca confusão, raiva e sintomas de estresse pós-traumático […], de acordo com a maioria das pesquisas. As circunstâncias mais estressantes são o confinamento prolongado, o medo de se contagiar, a frustração, o tédio, a falta de alimentos ou produtos básicos, informações inadequadas, perdas financeiras e estigma. [A matéria encerra concluindo que] a experiência prévia diz que o impacto econômico que se abate atacará a saúde mental. A crise econômica mais recente, de 2009, fez crescerem a depressão (18%), a ansiedade (8%) e os transtornos por abuso de álcool (5%), segundo um estudo da Sociedade Espanhola de Saúde Pública e

> Administração Sanitária (SESPAS). […] A economia pode se recuperar, as vidas, não ("Um mundo de ansiedade, medo e estresse". *El País*, 20 de abril de 2020).

Segundo o professor e psicanalista Christian Dunker, da Universidade de São Paulo (USP), a ansiedade e os variados tipos de sofrimento por ela causados é a responsável, em última instância, pelos quadros de depressão.

> [Transformações nos] modos de trabalhar, de usar a linguagem; a aceleração do fluxo de informação e significados, dos modos de desejo, apego. [As] relações com os outros se tornam cada vez mais funcionais, crivadas de expectativa de controlabilidade, de antecipação/confirmação. Cada vez rumamos para uma sociedade mais administrada, mais racionalizada, que constrange a experiência individual a viver num tempo que não é o tempo humano, da nossa experiência. [Trata-se da criação de uma] cultura da ansiedade e da depressão, porque, no fundo, a maior parte dos casos depressivos são também casos de ansiedade mal encaminhada, mal tratada, (mal elaborada, porque tem como aspecto positivo o sentido de dar resposta às situações imediatas). […] uma cultura orientada para o grande valor da liberdade, que impõe apostas, escolhas, orientações tomadas pelo sujeito. Um acréscimo de determinação do indivíduo no destino da sua vida. Dizia Sartre que isso (implicaria) em angústia, em responsabilidade. […] O mundo do trabalho começa a ficar mais e mais indeterminado, porque passa a depender de processos opacos para os indivíduos. […] O mundo se tornando mais imprevisível convoca em nós mais prontidão para a ansiedade. […] Tudo passa a depender do que você faz e a depender menos do que você é. Logo, aumento estrutural de ansiedade. […] Começa a ficar mais proeminente

> à medida que a gente vai se individualizando mais e mais e tem que enfrentar sozinho uma massa de opressões. […] Não há outra fórmula que não esse manejo: quanto mais sofrimento você pode ir colocando na pessoa, extraindo dela mais produção até o ponto que ela resiste. Mas ela resiste não conscientemente. Ela (tem) uma depressão, um *burnout*, um transtorno psicossomático, um adoecimento crônico. E o que se faz? Se substitui ela por outro (DUNKER. "O sofrimento é motor da atividade econômica". *UnBTV –Entrevista Em Casa, 2021)*.

Por isso, a sociabilidade capitalista e o sistema capital neoliberal criaram um modo de vida onde vigoram todas as condições para uma epidemia de depressão coletiva. Juntamente com o crescimento da responsabilização (individuação que atomiza, isola e faz dos indivíduos uma mônada), da cultura neoliberal, há um recuo da antipsiquiatria e uma explosão do processo de medicação e automedicação. Nas palavras de Fisher (2020, p. 157),

> A cultura neoliberal – que se tornou dominante no momento em que o movimento antipsiquiatria ia se enfraquecendo – individualizou a depressão e a ansiedade. Ou melhor, o aumento dos casos de depressão e ansiedade são um efeito da tendência, bem-sucedida, do neoliberalismo em privatizar o estresse: converter antagonismos políticos em condições médicas.

Por mais que se tente impingir aos próprios indivíduos os problemas de saúde mental, tornando-os privados e privatizando o sofrimento[10], em geral os ele-

10 Não se negligencia que há sim questões biofísicas específicas que devem ser tratadas de modo medicamentoso. A ciência tem como propósito combater, controlar e aliviar os transtornos, distúrbios e demais formas de sofrimento que afligem os seres humanos, propiciando uma melhor qualidade de vida. Segundo a Organização Mundial da Saúde

mentos emuladores e desencadeadores são de origem social (econômica, política, cultural). Esse fato será explorado na sequência com o filme *Coringa (Joker)*.

Coringa: causa social, sofrimento privatizado

Sorri, quando a dor te procurar...
... Os seus dias tristonhos, vazios...
Sorri, quando tudo terminar,
Quando nada mais restar
Do seu sonho encantador, sorri...
Quando o sol perder a luz
E sentires uma cruz
Nos seus ombros, cansados, doridos...
... Sorri, vai mentindo a sua dor
E ao notar que tu sorris
Todo mundo irá supor
Que és feliz!
Sorria!... (*Sorri*, Djavan. *Smile*, Charles Chaplin)

Vidro moído ou areia no café da manhã
E um sorriso nos lábios
Ensopadinho de pedra no almoço e jantar
E um sorriso nos lábios
O sangue, o roubo, a morte
Um negro em cada jornal
E um sorriso nos lábios

(OMS), a saúde é entendida como "o mais completo estado de bem-estar biopsicossocial", em vez de "ausência de doença" ou o "silêncio dos órgãos". Essa alteração qualitativa da compreensão da saúde diz respeito às novas necessidades sentidas e impingidas por um modo de vida que é um verdadeiro moedor de gente.

Noventa e cinco sorrisos suando na condução
E um sorriso nos lábios
[…] O cerco, a vida, o circo
Silêncio, um medo anormal
E um sorriso nos lábios
[…] então acha graça, é tão pouca desgraça
Mas no fim do mês lembrar de pagar a prestação
Desse sorriso nos lábios
Sorria... sorria...
Sorria, a vida é linda
Sorria, que a vida é linda demais!
Sorria! Põe um sorriso nos lábios, meu chapa!
(*Um sorriso nos lábios*. Gonzaguinha)

O filme *Coringa (Joker)*, de 2019, dirigido por Todd Phillips, apesar de retratar uma Nova York dos anos 1980, década de difusão do neoliberalismo e suas reformas (privatizações, cortes de gastos públicos, crescimento vertiginoso do desemprego, fim das proteções sociais, desregulamentações para maior e melhor fluxo de capitais, controle da inflação a qualquer custo, etc.), é um espelho para o atual estágio alcançado pelo sistema capital em sua fase neoliberal, onde a barbárie social está na ordem do dia de forma distópica.

Mais ainda, evidencia como o indivíduo é um indivíduo social, porque se faz através de um longo (tumultuado e tortuoso) processo de socialização estabelecido com os outros indivíduos. Portanto, assim como ele, todos nós vamos nos tornando, metamorfoseando consoante as relações, as experiências, as vivências e as condições objetivas/materiais de existência postas, que condicionam nossa forma de ser, pensar, interagir, como também a consciência que temos de nós mesmos,

além de nossa própria espiritualidade (afetividade, sentimentos, emoções, intelectualidade). Isto demonstra – contando com as exceções biofísicas, que agravam ainda mais cada caso – que nada que os indivíduos sentem, nenhum dos problemas com o qual se deparam e pelos quais sofrem são estrita e exclusivamente privados.

Gotham City é a analogia para a vida urbana das cidades de grande e médio portes espalhadas pelo mundo sob a égide do sistema capital neoliberal. O desemprego cresce; os cortes com gastos sociais aumentam, serviços públicos deixam de existir; greves geram risco de estados de emergência, calamidade pública (paralisação de recolhimento do lixo, afetando bairros de periferia, camadas médias e elite sem distinção, provocando epidemia de ratos e outros insetos, mau cheiro que atrapalha os comerciantes e lojistas) – e desabastecimento (caminhoneiros). Ricos ficam ainda mais ricos e os pobres mais pobres e miseráveis, sendo humilhados, negligenciados e ridicularizados pelos abastados[11], aumentando seu rancor, ressentimento, ódio e sentimento antissistema e contra os ricos (a elite). Estão cansados, desesperados, desesperançados, sentem-se desamparados, abandonados, invisíveis, enganados, desalentados[12].

O personagem Arthur Fleck metamorfosear-se-á, no decorrer do longa-metragem, em Coringa. Seu lado sombra, reprimido e vigiado via medicação controlada

11 Como faz o empresário Thomas Wayne, ao dizer que os pobres sentem inveja e se ressentem em relação àqueles que têm sucesso, atacando-os, mas sem coragem de mostrar o rosto, vestindo uma máscara de palhaço. Os pobres são, portanto, palhaços.

12 Constitui-se, assim, o clima propício ao surgimento dos *outsiders* populistas com pretensões *autoritárias* e a exceção é legitimada pela lei, porque tem o apoio e adesão afetiva de parte significativa do social. Caso de Trump e Bolsonaro.

(toma sete comprimidos), é deliberadamente liberta-do com o fechamento do serviço de assistência social prestado pela prefeitura como forma de corte de gastos, não tendo mais como conseguir os remédios. Antes disso, porém, numa das conversas que ele tem com a assistente social, solicita que ela peça ao médico para aumentar sua medicação, que já é absurdamente alta, pois "*não quer mais se sentir tão mal*".

Logo na primeira cena, enquanto ao fundo escutamos a notícia radiofônica da greve dos lixeiros que está contribuindo para a epidemia de ratos na cidade, o personagem demonstra uma profunda, e mesmo desesperadora, tristeza. Uma lágrima escorre manchando a maquiagem de palhaço que está fazendo, e colocando dois dos dedos de cada mão nos cantos da boca, estica tanto para desenhar um sorriso que parece que vai rasgá-lo.

No desenrolar da trama, assistimos um ser humano que se sente invisível e duvida de que exista de fato (no seu caderno de anotações – "diário" – escreve: "Só espero que minha morte faça mais sentido do que minha vida"). Apesar de apresentar o Transtorno da Expressão Emocional Involuntária (IEED, sigla em inglês)[13], no seu caso manifestado através da falta de controle sobre o próprio riso, provocando situações delicadas e constrangedoras que lhe causam enorme sofrimento e humilhação. Procura controlar-se de todas as formas, pois sabe das consequências, o que aumenta ainda mais sua infelicidade, apesar da mãe lhe chamar

13 "Em 2006, uma pesquisa encabeçada por *Cummings* apresenta de forma mais detalhada alguns elementos que compõem o transtorno, entre eles: riso ou choro incontrolável; mudança na capacidade de regular o afeto; reações exageradas; transtorno do funcionamento social. Episódios de fúria também aparecem como um elemento que pode decorrer da condição" (Coringa – uma análise do contexto por trás do vilão. *Cine Pop*, 2019).

de "Feliz" e dizer que veio ao mundo para fazer as pessoas rirem. Mais tarde ficamos sabendo que "desde bem novo disseram que seu objetivo na vida era trazer risos e alegria para este mundo frio e sombrio".

Temos um indivíduo que tem um trabalho precário, ganha mal, não se sente saudável[14] e apresenta transtornos, além de ter sido abusado na infância, carregando traumas diversos. Procura ajuda, aquela que pode ter acesso, mas não tem o acompanhamento e atendimento adequados. É extremamente sozinho, mesmo morando e cuidando da mãe (tarefa interminável e desgastante para alguém que também precisa de cuidados), que também tem problemas de saúde mental. Seu entretenimento após o trabalho é assistir a um programa de TV junto com a mãe, um *talk show*. Sonha ser comediante.

Isolamento, invisibilidade, pensamentos negativos e mal-estar são seus companheiros diários. Sentem-se oprimidos por sua condição de saúde, tanto que escreve em seu caderno: "A pior parte de ter uma doença mental é que as pessoas esperam que você se porte como se NÃO tivesse". Sim, ele se esforça de maneira sobre humana para aparentar ter uma vida NORMAL. No entanto, ele é engolido, "quebrado, pisoteado e esmagado (pela imensa dor e sofrimento) a ponto de en-

14 "Não basta estar saudável, mas é parte de possuir saúde sentir-se e interpretar-se como saudável. […] a versão que faço de mim, e dos outros em relação a mim, altera quem eu sou e como eu sofro […] na saúde mental, ao contrário de outras áreas médicas, a descrição que o paciente faz dos sintomas altera ou constitui os sintomas eles mesmos. […] Vemos assim como sofrer depende tanto da narrativa de sofrimento quanto de uma gramática de reconhecimento e ainda de uma espécie de pragmática pela qual compartilhamos, derrogamos ou legitimamos 'quem' pode sofrer 'como'" (Você é alguém "diferenciado"? Saiba o que isso tem a ver com seu sofrimento. *Blog do Dunker*, 15 de janeiro de 2021. Disponível em: https://www.uol.com.br/tilt/colunas/blog-do-dunker/2021/01/15/teorias-da-transformacao-e-tecnologias-do-cuidado.htm).

xergar uma saída na barbárie" (Crítica: Coringa e uma sociedade tão perversa quanto o próprio vilão. *Canal Tech*, 2019), o que o leva a um ponto de ruptura, a uma metamorfose.

É quando o ovo da serpente é rompido de fora para dentro e o perverso e nefasto ganham vida. Eis o produto da casual crueldade, agressividade, rudeza e falta de empatia das relações humanas no atual estágio da sociabilidade capitalista, engendrando o refugo de um modo de vida que destrói a tudo e a todos. Ilustremos com dois momentos catárticos: o desabafo de Arthur antes de asfixiar a mãe no hospital e sua fala no *talk show* ao ser entrevistado por Murray.

No primeiro, diz:

> Lembra como você dizia que minha risada era um distúrbio? Que tinha algo de errado comigo? Não tem. Eu sou assim mesmo. Feliz... Eu não fui feliz um minuto sequer em toda minha vida desgraçada. Sabe o que é engraçado? Sabe o que realmente me faz rir? Eu achava que minha vida era uma tragédia. Mas agora eu entendo que é uma puta comédia (*Coringa*, 2019).

Acaba entendendo que o sofrimento de uns é fator de entretenimento (comédia) para outros. Não é por outro motivo que é convidado para participar do *talk show* de Murray. Um vídeo seu participando de um *stand up* para novos comediantes é viralizado justamente devido ao seu transtorno e ele é totalmente incompreendido, virando motivo de escárnio. Ninguém é capaz de notar o quanto Arthur sofre nesses momentos, pois, embora ria e sorria, seus olhos expressam desespero, mesmo dor, mas as pessoas estão embrutecidas e insensíveis demais para perceber. Sempre, toda

vez, ele é censurado, xingado, isso quando não é vítima de agressão física (como no caso do incidente no metrô, onde acaba tirando a vida de três jovens – abusivos, assediadores, "horríveis", como ele descreveria em outra cena – que trabalhavam na empresa de Thomas Wayne).

O diálogo estabelecido com Murray na entrevista do *talk show* escancara alguns dos fatores que causaram toda sua dor e seu sofrimento, culminando naquilo que ele se transformou. Essa conversa começa quando ele confessa ter matado os jovens do metrô em Wall Street. Murray pergunta por que deveriam acreditar que ele fez isso. É esse trecho que nos interessa aqui. Vejamos:

> (Coringa) — Eu não tenho mais nada a perder. *Nada mais pode me machucar*. Minha vida não passa de uma comédia (Sofrimento de uns é entretenimento para outros).
>
> (Murray) — Deixe-me entender, acha que matar aqueles caras tem graça?
>
> (Coringa) — Eu acho. E estou cansado de fazer de conta que não é. A comédia é subjetiva, Murray. Não é o que dizem? Todos vocês, o sistema que sabe tanto, vocês decidem o que é certo ou errado. Assim como vocês decidem o que é engraçado ou não é.
>
> (Murray) — Pois bem, acho que eu poderia deduzir então que você começou um movimento, para se tornar um símbolo?
>
> (Coringa) — Qual é, Murray! Pareço o tipo de palhaço que começaria um movimento? Matei aqueles caras porque *eles eram horríveis. Todo mundo é horrível hoje em dia. Só isso já faz qualquer um enlouquecer*.
>
> (Murray) — Então é isso, você está louco. É sua desculpa para matar três jovens?
>
> (Coringa) — Não. Eles nem sabiam cantar

para poderem se salvar (plateia vaia). Por que todo mundo se abala por causa deles? Se fosse eu morrendo na calçada passariam por cima. *Passo todo dia por vocês, e não me notam*. Mas e esses caras? Só porque Thomas Wayne chorou por eles na TV?

(Murray) — Tem um problema com Thomas Wayne?

(Coringa) — Sim, eu tenho. Você já viu como é lá fora, Murray? Alguma vez você sai de verdade do estúdio? *Todas as pessoas só berram e gritam umas com as outras*. Ninguém mais é civilizado. *Ninguém pensa como é estar no lugar da outra pessoa*. Acha que homens como Thomas Wayne se perguntam como é ser alguém como eu? Ser alguém senão eles mesmos? Não se perguntam. Eles acham que vamos ficar quietinhos e *aguentar tudo* como bons meninos, *sem reagir, sem perder o controle*.

(Murray) — Você terminou? Digo, é muita autopiedade, Arthur. Está inventando desculpas por ter matado aqueles jovens. Nem todo mundo, eu te garanto, nem todo mundo é horrível.

(Coringa) — Você é horrível!

(Murray) — Eu? Eu sou horrível? Ah, é?! Por que sou horrível?

(Coringa) — Mostrando meu vídeo, convidando-me para o programa. Você só queria debochar de mim. Você é igualzinho a todos eles.

(Murray) — Não sabe nada sobre mim, amigo. Olhe o que houve por causa do que você fez. Estão acontecendo motins. Há dois policiais em estado crítico, e você ri. Está rindo. Uma pessoa morreu hoje por causa do que você fez.

(Coringa) — Eu sei... Que tal outra piada?

> (Murray) — Não, chega das suas piadas.
>
> (Coringa) — O que recebe...
>
> (Murray) — Chega!
>
> (Coringa) — ... quando cruza um *solitário* doente mental com uma sociedade que o abandona e o trata que nem lixo? Vou te dizer: você recebe o que merece (atira na cabeça do apresentador em rede nacional) (*Coringa*, 2019).

Que "louco" lúcido! (O louco e a loucura estão em toda parte e em nenhuma, como comprova *O Alienista*, de Machado de Assis.) Somos triturados pelo "sistema". Perante ele, e suas imposições de adaptação permanente (adapta-te, ou morre!), a impotência (e a "impotência reflexiva") do indivíduo aflora. Nessas circunstâncias, a estratégia de sobrevivência é o "cinismo da conformidade" ("distinção entre atitude subjetiva interna e comportamento exterior": as condutas externas estão de acordo as regras e normas racionalizadoras, mas internamente há discordância e contestações) como forma de "permanecer são e em boa saúde em meio a instabilidade perpétua do capitalismo". Trata-se de um "desinvestimento subjetivo nas tarefas cotidianas que permite aos trabalhadores continuarem a realizar um trabalho sem sentido e desmoralizante". Afinal, "essa estratégia – de aceitar sem questionamentos o incomensurável, o sem sentido – sempre foi uma técnica de sanidade por excelência. […] Em tais condições de precariedade ontológica, esquecer converte-se em estratégia de adaptação" (FISHER, 2020, p. 93-94; 96).

Arthur não é mais Arthur. Sua metamorfose se consumou. Agora ele é o Coringa. Coringa não se ajo-

elha, nem se assujeita, ao sistema. Ele usa da sua dor, do seu sofrimento, do seu medo, das suas angústias, da sua raiva, do seu ódio, do seu horror para afrontá-lo – mesmo que seja de maneira privada, mas muito danosa para aqueles que estão ou cruzam o seu caminho. O fato de se tornar um ícone social é um reconhecimento, ainda que inconsciente, dos demais indivíduos das patologias sociais pelas quais são consumidos gradativamente na vida comezinha. Todos são parte de uma sociedade doente, de um adoecimento profundo e vivem a distopia da barbárie social.

A luta de classes cotidiana obliterada é exposta. Os pobres e miseráveis são a ralé, ninguém tem empatia por eles. A consternação pelos jovens assassinados é porque são brancos, de camada média, trabalhavam numa empresa de renome e seu proprietário aparece nos noticiários televisivos lamentando as mortes. Mais tarde se lança como candidato a prefeito para, ironicamente, "melhorar a vida dos pobres", torná-los dóceis e obedientes, acabar com suas formas de rebeldia e resistência. Esse é o projeto não dito, de ressubordinação da classe trabalhadora e das camadas populares.

As tensões em Gotham atingem seu auge. Motins estouram por toda a cidade. A violência se generaliza, fruto da violência econômica, política e social que vem sendo praticada pelas autoridades e instituições representativas do Estado de direito burguês em sua atuação neoliberal, de gestão empresarial. Algo não muito diferente do que vivenciamos no tempo presente.

> O investimento na indiferença e individualização do sofrimento é agora colhido na forma da violência. Reagimos a isso empobrecendo nossa imaginação política, apelando por mais e melhores leis, por instituições mais fortes e

> mais duras, ou por líderes melhores e mais poderosos (legitimação das exceções, do autoritarismo e da violência institucionalizada) (Você é alguém "diferenciado"? Saiba o que isso tem a ver com seu sofrimento. *Blog do Dunker*, 2021).

Embora o filme termine com a revolta indignada das massas (multidão) contra a elite, com as pessoas usando máscaras de palhaço e reverenciando o Coringa, deixando no ar que, no fim, o controle é restabelecido, pois o "louco" é preso e internado num espaço para doentes mentais, e tudo continua como antes, Zizek aposta em outro cenário: "A elegância de Coringa reside em como a passagem crucial do impulso autodestrutivo a um 'novo desejo' por um projeto político emancipatório se encontra ausente da trama. Assim, nós, os expectadores, somos convocados a preencher essa lacuna" (ZIZEK, *Blog da Boitempo*, 2019).

Uma outra saída para Arthur, caso não se metamorfoseasse, seria o suicídio. Camus sentencia que o suicídio é um problema filosófico realmente sério, pois "julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia" (CAMUS, 2009, p. 17). Já como Coringa, há uma rápida menção a isso, que é o momento no camarim antes de adentrar no estúdio onde acontecem as entrevistas do *talk show*. Ao estirar-se na cadeira, jogando o corpo e a cabeça para trás, posiciona o revólver que carrega consigo entre o queixo e o pescoço, mas não atira. A vida não vale a pena, mas ele decide se vingar dela e de todos aqueles que contribuíram e contribuem para torná-la o que ela é, para a dor e sofrimento, jogados inteiramente sobre as costas dos indivíduos (cruz sob os ombros cansados, doridos), privatizando-os.

Para Camus, o suicídio é a tomada de consciência do absrdo da vida, alienada, estranhada e sem sentido. Para Coringa, essa tomada de consciência gera como mecanismo de defesa a perversidade, porque a sociabilidade capitalista produz e reproduz um modo de vida perverso, cruel. "Há forças políticas que nos querem 'permanentemente ansiosos', esgotados, com uma capacidade atencional fragmentada e dispersa" (FISHER, 2020, p. 183-184). É a "nova política para o sofrimento", inaugurada na década de 1970 com o fim da proteção social ao trabalhador pelo programa liberal do Estado de bem-estar social. Interroga-se:

> Por que em vez de proteger contra o sofrimento, não estimulamos o sofrimento como motor do aumento de produtividade? Por que não demitir 10% dos empregados de uma empresa anualmente apenas para criar um clima paranoico, de *reality show*, e com isso fazer as pessoas se engajarem mais em suas tarefas? Por que não praticar uma política esquizoide que faz os diferentes departamentos de uma empresa competirem entre si, de modo a criar uma pressão para aumentar o valor agregado de cada unidade e redução de custos? Por que não valorizar os trabalhadores maníacos que se dedicam permanentemente com sangue nos olhos e imunidade (natural ou artificial) ao cansaço? Por que não dar mais trabalho do que a pessoa pode aguentar fazer para aproveitar-se de seu sentimento de culpa, inadequação e insuficiência para extrair um a-mais de foco e dedicação? Por que não criar trabalhos em regime precário e intermitente, como o dos operadores de telemarketing ou dos caminhoneiros, de tal maneira que a métrica comparativa, a humilhação e a agressividade contida de cada um possa se verter em mais resultados, ainda que com o efeito colateral epidêmico em termos de depressão e suicídio? (Você é alguém "diferenciado"? Saiba o

> que isso tem a ver com seu sofrimento. *Blog do Dunker*, 2021).

Podemos nos calar e sofrer sozinhos (individualização e privatização do sofrimento), procurando, quando muito, amenizar o estresse, a ansiedade, o pânico e conviver com a angústia, suportando, via medicação e antidepressivos. Ou então, canalizar esse sofrimento, essa ansiedade incessante e tresloucada, porque cultivada pela cultura neoliberal e pela paideia empresarial, na construção de um projeto político-social para a transformação de nós mesmos e do mundo.

Destarte, um projeto político-social requer cooperação, coletividade, comunalidade. Exige o reconhecimento do comum e da intimidade, que se tornam aportes, âncoras pessoais-emocionais para não definharmos, desmoronarmos e não sermos esmagados. Como diz Angela Davis:

> Eu queria um esteio, uma base, um ancoradouro. Precisava de camaradas[15] com quem

15 "O termo 'camarada' designa uma relação política, um conjunto de expectativas de ação em direção a um objetivo comum. Sublinha o que há de comum entre aqueles que se encontram de um mesmo lado – independentemente de suas diferenças, os camaradas estão juntos na luta. […] A camaradagem lastreia a ação, e, nesse lastro, nessa solidariedade, ela coletiviza e direciona a ação à luz de uma visão compartilhada para o futuro. […] A camaradagem é uma relação política de cobertura com apoios. […] Camaradas são aqueles com quem você pode contar. Vocês compartilham suficientemente de uma ideologia comum, de um compromisso com princípios e objetivos comuns, para realizar mais que ações pontuais. Juntos podem travar a longa luta. […] Camaradas precisam poder contar uns com os outros mesmo quando não gostamos uns dos outros e mesmo quando discordamos. Fazemos o que precisa ser feito porque devemos isso a nossos camaradas. […] Ao lutarmos juntos por um mundo livre de exploração, opressão e intolerância, precisamos poder confiar uns nos outros e contar uns com os outros. A palavra 'camarada' dá nome a essa relação. […] Como forma de tratamento, figura de relação política e portador de expectativas, 'camarada' rompe as identificações hierárquicas de sexo, raça e classe da sociedade capitalista. […] O poder de 'camarada' está na forma como o termo nega as velhas relações e promete

> pudesse compartilhar uma ideologia. Estava cansada de grupos *ad hoc* efêmeros que desmoronavam diante da menor dificuldade […]. Isso não quer dizer que eu fosse destemida, mas eu sabia que, para vencer, tínhamos de lutar, e a luta vitoriosa era aquela travada coletivamente pelas massas de nosso povo e da população trabalhadora em geral. Sabia que essa luta tinha que ser liderada por um grupo, um partido com membros e estrutura mais permanentes e uma ideologia mais substancial (DEAN, 2021, p. 22).

Não devemos ser apenas uma multidão revoltada, como no filme, mas nos estruturar numa organização popular sustentada por um projeto político-social de transformação radical da realidade e seus valores éticos-morais ("escolher o que fazer com o seu sofrimento é uma escolha ética e também política" – *Blog do Dunker*, 2021), consciente das ações políticas a serem realizadas a curto, médio e longo prazos para que as condições objetivas e subjetivas sejam construídas no processo, marcado por avanços e recuos, mas sempre iluminados pelas experiências das lutas passadas a fim de evitar cometer os mesmos erros, avançando cada vez mais. Assim como a saúde de Arthur foi se deteriorando e sendo minada pelos condicionantes, situações, circunstâncias sociais, para além dos biofísicos, a cura das enfermidades do espírito só ocorrerá através da cura dos males sociais gestados pela sociabilidade capitalista.

novas. […] 'Camarada' traz à tona as demandas depositadas sobre aqueles engajados em uma luta política igualitária emancipatória, bem como suas expectativas" (DEAN, 2021, p. 20, 21, 22, 23, 26, 27, 31, 32, 38).

Considerações finais – preenchendo a lacuna

Nesse sentido, é preciso (re)politizar a saúde – e a saúde mental em específico –, despolitizada pela nova política do sofrimento do neoliberalismo e da paideia empresarial. Essa é uma questão crucial para as esquerdas e os "progressistas". Como alerta Fisher (2020, p. 141), "a depressão coletiva é o resultado do projeto da classe dominante de ressubordinação" da classe trabalhadora.

> Todos estão horrorizados com a pilhagem, a evasão fiscal e assim por diante, mas ao mesmo tempo há esse sentimento de que não podemos fazer nada a respeito. E por que esse sentimento cresceu tão intensamente? É porque não há mais um agente mediador entre os sentimentos das pessoas e a capacidade que elas têm de organização. Consequentemente, mesmo que o descontentamento seja generalizado, na falta desse agente coletivo o descontentamento permanecerá restrito ao nível individual (FISHER, 2020, p. 152-153).

Por isso, as esquerdas e os "progressistas" necessitam construir e criar associações, centros de formação política-cultural socialistas/comunistas junto às massas trabalhadoras, aos subalternos e camadas populares, desenvolvendo o trabalho de elevação da consciência de classe – a exemplo do que acontecia nas décadas de 1950, 1960, 1970 e primeira metade de 1980 –, superando a consciência imediata e reivindicativa/corporativa, formando a consciência revolucionária para a efetividade da organização popular extraparlamentar[16],

16 "A tarefa é estabelecer os vínculos entre as energias extraparlamentares dos movimentos e o pragmatismo daqueles no interior das instituições existentes" (FISHER, 2020, p. 148). Estamos em completo acordo com Fisher e sua compreensão marxiana/gramsciana.

paralela ao Estado de direito burguês, fortalecendo as lutas sociais, a democracia proletária e camponesa (ditadura revolucionária), alterando, assim, a balança das relações de força e poder entre a classe capitalista (capital) e a classe trabalhadora (trabalho).

> A reconstrução da consciência de classe é, de fato, uma tarefa formidável, que não será alcançada com soluções prontas e fáceis. Mas, ao contrário do que nossa depressão coletiva nos diz, é uma tarefa que pode ser realizada: inventando novas formas de envolvimento político […] convertendo o descontentamento privatizado em raiva politizada (FISHER, 2020, p. 141).

Raiva politizada é aquela que não se dirige contra raça, sexo, classe, sexualidade, etnia dos indivíduos sociais, mas contra a raiz, a causa, os nexos estruturais de todas as formas de opressão, exploração, dominação de um ser humano por outro. É necessário suprassumir o Estado, produto das contradições e antagonismos irreconciliáveis e irremediáveis surgidos entre as classes sociais num momento histórico-social determinado, como também as próprias classes, através do fim da concentração e centralização da riqueza socialmente produzida e dos meios de produção em mãos de algumas poucas famílias e indivíduos, que com isso passam a dominar, explorar, oprimir, expropriar e dirigir o restante dos indivíduos, que são a maioria, porém, educados para "consumir e existir sem questionar" (*Globalização – o delírio do Dragão*. Tribo de Jah).

> O certo é que estamos agora em um deserto ideológico no qual o neoliberalismo é dominante apenas por inércia. O terreno está em disputa […]: é nossa tarefa desenvolver alternativas às políticas existentes, mantê-las vivas e disponíveis até que o politicamente

> impossível se torne politicamente inevitável (FISHER, 2020, p. 151).

Daí a importância do trabalho de "ação indireta, necessária para produzir transições ideológicas persistentes" (FISHER, 2020, p. 206). Muitos pesquisadores, estudiosos e combatentes da esquerda, como também socialistas e comunistas, admitem que a batalha pelas consciências é questão fundante e fundamental na luta de classes contemporânea – concomitante à luta política. Sem dúvida, muitos confluiriam com Mascaro quando sentencia:

> […] o investimento contra o controle ideológico seria a única esfera imediata passível de disputa na atualidade, na medida em que o mediato do controle das massas é a própria estrutura da sociedade burguesa. [Faz-se urgente e necessário] desarmar a blindagem ideológica do povo, para que, em algum momento, 99% da população possa fazer frente a 1% dos capitalistas. A forja ideológica é precisamente a única ponta do amálgama da sociabilidade burguesa que permitiria abrir a disputa e ser trampolim de uma luta majorada. Se é contra o capital, não se pode amparar nos capitalistas; se é contra o Estado, que é forma social derivada do capital, não pode contar com sonhos de republicanismos, legalidades ou democracia; somente as massas podem construir um projeto em seu favor. Só a luta no campo da formação da ideologia, das subjetividades e das classes, dos grupos e dos partidos permite, em momentos de hecatombe extrema e de blindagem total da reprodução política e econômica capitalista, avançar na preparação e uma alteração capaz de fazer superar as condições sociais. […] o povo, ainda que castigado e com feridas a cada vez salgadas, está constituído, neste momento, em sua maioria, para entender-se e agir contra si próprio. Não houve vanguarda

> nem partido, nem grupo nem governo suficientes, nem mobilização ampla para a luta popular (MASCARO, 2018, p. 32-42).

Não podemos esquecer que "o Estado, a democracia parlamentar e a 'mídia convencional' […] são terrenos mutáveis a serem disputados, e as formas que assumem agora são elas mesmas efeitos de lutas prévias" (FISHER, 2020, p. 148). Entrementes, devemos ter muito claro, e

> […] levar a sério, o fato de que estamos enfrentando um inimigo que não tem nenhuma dúvida de que está em uma guerra de classes e que dedica muitos de seus enormes recursos treinando sua gente para travar essa guerra. […] se quisermos avançar, estamos obrigados a redescobrir o desejo de ganhar e a confiança de que podemos ganhar. [Para isso] precisamos da coordenação de diversos grupos, recursos e desejos. […] qualquer realidade é provisória, plástica, sujeita a transformação por meio do desejo coletivo. [O] desejo pelo futuro poderia exercer mais atração libidinal do que a "revolta na ordem". Fisher via sinais de que essa recomposição já estaria em curso: uma onda ascendente de política experimental, com as pessoas comuns redescobrindo a consciência de grupo e a potência do coletivo (FISHER, 2020, p. 149; 205; 207).

É o que se assiste, por exemplo, em alguns dos países latino-americanos, no Curdistão. O neoliberalismo, após a crise financeira de 2008, mantém-se como um zumbi: morto, sem pulso, mas normatizado pelas leis do Estado de direito burguês. Daí continuar dominando nossas vidas, "porque tornou-se o modo como as coisas operam normalmente" (FISHER, 2020, p. 194), não necessitando mais de legitimidade.

Nessas reinvenções e refundações das lutas sociais

populares, da mobilização e organização dos trabalhadores, subalternos e das camadas populares, haverá muitos desafios. É preciso sensibilidade para traduzir e plasmar os sentimentos, as emoções (afetos) e a energia das massas para poder conduzir as subjetividades, como o fazia Lênin. "Graças a sua argúcia para descobrir e em atender os estados ou as orientações de opinião das massas, inventava táticas e palavras de ordem que traduziam, em termos políticos, o que ele chamava de 'relações de poder real'" (FLORESTAN, 1978, p. 12). Mais do que isso,

> […] ignorou o *peso paralisante* da existência ou inexistência de "condições objetivas" que permitissem a revolução proletária. Fez isso deslocando em várias direções o aproveitamento revolucionário das condições objetivas existentes […], sempre em direções que atendessem, a curto e a longo prazos, os alvos finais de destruição do capitalismo e de transição para o socialismo. Doutro lado, deu maior ênfase (e mesmo maior peso relativo) ao controle político das "condições subjetivas", mais suscetíveis de tratamento político deliberado, segundo manipulações estratégicas e táticas. […] A vantagem de dispensar maior atenção às "condições subjetivas" procedia de outro resultado previsível: a rápida transformação do proletariado em classe politicamente consciente e apta para proceder à reeducação política do resto da maioria. Assim, em "condições objetivas" aparentemente desvantajosas, um país atrasado como a Rússia logrou realizar a primeira revolução proletária da história. […] Sem ignorar que qualquer transformação política possui uma base econômica e social concreta, ele desvendou, mais que os outros pensadores marxistas, o *grau de autonomia relativo do político e a intensificação dessa autonomia nos momentos de crise e de revolução.* [Na] sua concepção do político […] se fundiam inextricavelmente a

> "ciência", a "técnica" e a "filosofia", [mantendo] o marxismo como uma força viva da história, [já que para ele] "o marxismo difere de todas as outras teorias socialistas porque alia, de modo notável, plena lucidez científica na análise da situação objetiva e da evolução objetiva, ao *reconhecimento mais terminante do papel da energia, da criação e da iniciativa das massas*, e também, naturalmente, dos indivíduos, agrupamentos, organizações de partido que sabem descobrir e realizar a ligação com tais ou quais classes" (FLORESTAN, 1978, p. 19; 22; 46, grifo nosso).

Deve-se ter em mente que aquilo que hoje está ausente é o instrumento coletivo verdadeiramente revolucionário capaz de unificar e solidarizar os trabalhadores(as), os subalternos e as massas, vencendo a "decomposição social"[17], que é parte de "um projeto político cuja finalidade orientadora é a decomposição da solidariedade e a desintegração da capacidade de ação coletiva das classes subalternas" (FISHER, 2020, p. 190). Ademais, "a produção de ansiedade por meio de mecanismo administrativo é funcional à estratégia de subordinação de classe" (FISHER, 2020, p. 193), o que evidencia a urgência em politizá-la.

17 "[…] expressão da fragmentação da classe como sujeito político coletivo, e da desintegração das formas de consciência e de solidariedade ligadas à participação na classe" (FISHER, 2020, p. 188-189). Também faz parte da estratégia da decomposição social "a sedução libidinal pelo individualismo consumista: a 'reprogramação neurolinguística' do neoliberalismo, que atrai os trabalhadores a não se verem como membros de uma classe, mas como indivíduos autônomos cujos potenciais de realização são bloqueados por uma elite política burocrática no controle de estruturas verticais esclerosadas – como os partidos, os sindicatos e o próprio governo. [O objetivo é] "desativar as pessoas como 'agentes políticos' e reinterpelá-las como 'indivíduos empreendedores'. [Isso tudo promove] a dissolução das conexões sociais e comunitárias, a decomposição da consciência de classe e das organizações de classe [passando a imperar a lógica do cada um por si]. A ênfase no individualismo, na competição, na mercadorização da vida são, na verdade, armas, meios para um fim, a saber, a destruição da solidariedade social" (FISHER, 2020, p. 191-193).

Esse instrumento mediativo-organizativo-coletivo, com maiores chances de resistir e se manter perante as dificuldades inerentes à luta política, social, ideológica, é o partido, como atestado por Angela Davis, mas não qualquer partido, e sim o Partido Revolucionário da Classe Trabalhadora (do campo e da cidade), um partido popular, portanto, onde a própria classe se organiza como partido, devendo expor e disseminar

> […] seus objetivos de um modo amplo e audaz, [para que] suas palavras de ordem sempre estejam adiantadas em relação à iniciativa revolucionária das massas, servindo de farol para elas, mostrando em toda a sua grandeza e magnificência o [seu] ideal democrático e socialista, indicando o caminho mais curto e mais direto para a vitória completa, incondicional e decisiva (LÊNIN, s.d., p. 99).

Outra condição essencial do Partido Revolucionário, do Partido Popular Revolucionário da Classe Trabalhadora, é ter a consciência prática e teórica de que

> […] para atingir seus alvos, o conhecimento político produzido precisa ser aceito, reconhecido como verdadeiro e absorvido pelas massas, para em seguida manifestar-se através do seu comportamento coletivo. Onde a revolução só pode dar-se de baixo para cima, não existe outro caminho nem outro veículo para a ação política revolucionária. A massa não aparece apenas como objeto e consumidora presumível: ela se define como único agente que pode decidir, em termos finais, se haverá a vitória de uma revolução (ou de uma contra-revolução) (FERNANDES, 1978, p. 35).

Já estamos vivendo uma guerra não declarada, uma guerra de classes, mas é a da direita e extrema-direita e do empresariado contra o trabalho e os tra-

balhadores. Precisamos virar o jogo e fazer avançar a guerra de classes enquanto contra-hegemonia da classe trabalhadora. Na atual conjuntura e contexto, estarão as probabilidades contra nós? De qualquer forma, ainda que, num primeiro momento e nos primeiros movimentos táticos e estratégicos, aparentemente continuemos perdendo, como diz Fisher (2020, p. 155), "o objetivo é aumentar nossa inteligência coletiva. Isso requer […] pelo menos algum tipo de sistema de coordenação e de memória coletiva. O capital já dispõe disso. Também precisamos para poder revidar".

Em alguns países do globo, pelo menos

> […] algo no jogo mudou. Saímos do "fim da história" para entrar em "terra incógnita" […] a crise generalizada de confiança no sistema político significa que se desfaz, enfim, o conforto previsível do eterno presente: a partir de agora, ou afundamos em uma distopia ou terá que emergir um novo socialismo popular (FISHER, 2020, p. 195).

Enquanto isso... Ao fundo do desencantamento do mundo e do processo de racionalização (tal como demonstrado por Max Weber) uma nervosa, acalorada e pavorosa conversa é travada entre o absurdo, a esperança e a morte, sendo que a segunda, impedida de sair da "caixa de Pandora", já que ela é fechada antes que consiga, é a "esquiva mortal", como lembra Camus (2009, p. 22). "Esperança de uma outra vida que é preciso 'merecer', ou truque daqueles que vivem não pela vida em si, mas por alguma grande ideia que a ultrapassa, sublima, lhe dá um sentido e a trai" (Camus, 2009, p. 22).

Será que o absurdo em que se transformaram as nossas vidas exige que escapemos pela esperança ou

então através de uma metamorfose, como em Coringa, onde acabamos aceitando ser uma coisa, ficando à vontade com isso, assumindo nossa coisificação como forma de sobreviver e ir vivendo o absurdo da vida de modo automático ou mesmo perverso?!

Não! Repudiamos esse tipo metamorfo. Recusamo-nos a ser meros "sobreviventes", fazendo parte desse projeto/plano de atomização dos indivíduos sociais pelos "sistemas". Nossa resposta é o sentimento de camaradagem dos camaradas. Ser camarada é ter e renovar forças, é reconhecer e cultivar a importância do comum, do coletivo, é lutar pela igualdade e emancipação humana. Preparem-se! Já estamos em guerra, ainda que muitos ainda não saibam! Lutemos, pois é uma guerra comum a todos nós.

Referências

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. 7. ed. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2009.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Cristian. *A nova razão do mundo*: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEAN, Jodi. *Camarada*: um ensaio sobre pertencimento político. Trad. Artur Renzo. São Paulo: Boitempo, 2021.

FERNANDES, Florestan (Org.). *Lênin*: política. 2. ed. Trad. Carlos Rizzi. São Paulo: Ática, 1978. (Grandes Cientistas Sociais; 5)

FISHER, Mark. *Realismo capitalista*: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? Trad. Rodrigo Gonsalves et al. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

LÊNIN, Vladimir I. *Duas táticas da social democracia na revolução democrática*. São Paulo: Editora e Livraria Livramento Ltda, s.d.

MASCARO, Alysson Leandro. *Crise e golpe*. São Paulo: Boitempo, 2018.

TELES, Edson. *Democracia e estado de exceção*: transição e memória política no Brasil e na África do Sul. São Paulo: Ed. Fap-Unifesp, 2015.

Outras fontes

Coringa (Joker). Filme. Diretor: Todd Phillips. Gênero: Drama, Policial, Super-Herói, Thriller. Duração: 122 min, 2019.

Coringa – uma análise do contexto por trás do vilão. *Cine Pop*, outubro 2019. Disponível em: https://cinepop.com.br/coringa-uma-analise-do-contexto-por-tras-do-vilao225559/#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20e%20o%20contexto,her%C3%B3i%20que%20salva%20o%20dia.

Crítica: Coringa e uma sociedade tão perversa quanto o próprio vilão. *Canal Tech*, outubro 2019. Disponível em: https://canaltech.com.br/cinema/critica-coringa-151233/.

DUNKER, Christian. O sofrimento é motor da atividade econômica. *UnBTV – Entrevista em Casa*, 19 de setembro de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NtPfpAX4BEc&t=28s.

MENEZES, Cynara. A carta manifesto de Flávio Migliaccio é um alerta sobre o mundo que vivemos. *Brasil 247*, 5 de maio de 2020. Disponível em: https://www.brasil247.com/blog/a-carta-manifesto-de-flavio-migliaccio-e-um-alerta sobre-o-mundo-em-que-vivemos.

Um mundo de ansiedade, medo e estresse. *El País*, 20 de abril de 2020. Disponível em: https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-04-20/um-mundo-de-ansiedade-medo-e-estresse.html.

Você é alguém "diferenciado"? Saiba o que isso tem a ver com seu sofrimento. *Blog do Dunker*, 15 de janeiro de 2021. Disponível em: https://www.uol.com.br/tilt/colunas/blog-do-dunker/2021/01/15/teorias-da-transformacao-e-tecnologias-do-cuidado.htm

Zizek: "Coringa" e o grau zero da revolução. *Blog da Boitempo*, novembro 2019. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/2019/11/03/zizek-coringa-e-o-grau-zero-da-revolucao/.

Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani

Iael de Souza. Doutora em Educação pela UNICAMP. Mestre em Ciências Sociais pela UNESP/Marília. Graduada em Ciências Sociais pela antiga FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ. Professora da Universidade Federal do Ceará, lotada no Departamento de Fundamentos da Educação. Pesquisadora do Núcleo de Estudo em Trabalho, Saúde e Subjetividade (NETSS), UNICAMP/SP. Autora dos livros: *MARX: muito prazer! Formação intelectual e militância político-social (1842 a 1848) – para iniciantes*, vol. I (Lutas Anticapital); *Alguns escritos na quarentena da Sars-COV-2* (Lutas Anticapital); *Formação omnilateral do ser social: trabalho, educação e sociabilidade capitalista.* Desenvolve pesquisa na área de trabalho, política, Estado e organização popular, numa perspectiva marxiana-leniniana, atuando principalmente nos seguintes temas: emancipação política e emancipação humana; socialismo e comunismo; organização de massas/popular; estratégia e táticas para transitar para a transição; trabalho e emancipação humana; luta de classes, partido, movimentos sociais; desvelamento da lógica e funcionalidade da sociabilidade capitalista e do Estado; sistema capital e seu sociometabolismo; políticas "públicas"-estatais em educação.

Evaldo Piolli. Doutor e mestre em Educação pela UNICAMP. Graduado em Ciências Sociais pela PUC-SP. Professor efetivo do Departamento de Políticas, Administração e Sistemas Educacionais (DEPASE) da Faculdade de Educação da UNICAMP. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da UNICAMP. Pesquisador e líder do grupo de pesquisa "Trabalho, Saúde e Subjetividade" (NETSS). Organizador do livro: *Educa-*

ção e trabalho docente no Brasil: gerencialismo e mercantilização (Fonte Editorial); Dossiê – *Ensino Público* (Revista da USP, 2020). Autor do livro: *Educação integral e anarquismo: críticas à escola burguesa, proposições e práticas* (Amazon & Independently Published, 2021). Desenvolve pesquisas na área de educação, com ênfase em Educação e Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: trabalho e educação; política educacional; trabalho docente; trabalho, saúde e subjetividade.

José Roberto Montes Heloani. Livre-docente em Teoria das Organizações pela UNICAMP. Pós-doutorado em Comunicação pela USP. Doutor em Psicologia Social pela PUC-SP. Mestre em Administração pela FGV/SP. Graduado em Direito pela USP e Psicologia pela PUC-SP. Professor Titular na UNICAMP – Faculdade de Educação e Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (Doutorado em Ciências Sociais). Fundador do site www.assedio-moral.org (em parceria com Margarida Barreto) e do grupo de pesquisa Trabalho, Saúde e Subjetividade (NETSS). Atua principalmente nos seguintes temas: assédio moral e sexual, ética e discriminação no trabalho. Últimas publicações relevantes: *Modelos de gestão e educação: gerencialismo e subjetividade* (CORTEZ, 2018); *Assédio moral: gestão por humilhação*, com Margarida Barreto (JURUA, 2018).

CADERNOS IHU IDEIAS

N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montaño
N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
N. 07 Mundos televisivos e sentidos identiários na TV – Suzana Kilpp
N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
N. 18 Um itinenário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra Bavaresco
N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
N. 38 Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de "A Teoria da Classe Ociosa" – Leonardo Monteiro Monasterio
N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
N. 46 "Esta terra tem dono". Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcelos da Costa
N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élida Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana María Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montaño
N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmann
N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstoi – Thomas Mann – Alexander Soljenítsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
N. 131 A philía como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leistner
N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstroem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois" – Claudia Wasserman
N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
N. 158 "Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
N. 165 Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
N. 182 Censo 2010 e religiões:reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite") – Augusto Jobim do Amaral
N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Morais Campetti e Tiago Wickstrom Alves
N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta socialpor moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D'Assunção Barros
N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odelso Schneider
N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevian
N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo – Moysés da Fontoura Pinto Neto
N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governamento – Dora Lilia Marín-Díaz
N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
N. 250 A Liberdade Vigiada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moysés Pinto Neto
N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
N. 286 O "velho capitalismo" e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
N 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção:trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
N. 307 História de José, O Carpinteiro,como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualda-des sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschietti
N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Franciso - André Langer
N 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswalfo Giacoia Junior
N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati

N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
N.336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
N. 337 O Direito e o Avesso - Fábio Konder Comparato
N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
N. 344 Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer

UNISINOS